

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIX • 2010

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JORGE DE ALARCÃO

Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra

Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

FICARIA NA GALIZA A CIDADE DE *CELTICA FLAVIA*?

“Conimbriga” XLIX (2010) p. 7-14

RESUMO: O nome *Celticoflaviensis*, correspondente a uma *civitas*, encontra-se em duas inscrições funerárias de Astorga e da região de Salamanca. O autor sugere para esta *civitas* uma localização na Galiza, em território de *Celtici Neri*, *Praestamarci* ou *Supertamarci*.

RESUMÉ: Le nom *Celticoflaviensis*, correspondant à une *civitas*, se trouve dans deux inscriptions funéraires d’Astorga et de la région de Salamanque. L’auteur suggère pour cette *civitas* une situation dans l’actuelle Galice, en territoire de *Celtici Neri*, *Praestamarci* ou *Supertamarci*.

(Página deixada propositadamente em branco)

FICARIA NA GALIZA A CIDADE DE *CELTICA FLAVIA*?

Duas inscrições romanas, uma achada em Aldea Tejada, a três quilómetros de Salamanca, e a outra em Astorga, mencionam *Celticoflavienses*. A primeira, publicada em CIL II 880, diz assim: *DMS. Amme Festi f(iliae) Albocolensi an(norum) XXIII Cassius Vegetus Celticoflaviensis uxore piae f(aciendum) c(uravit)*. A segunda, dada a conhecer por Sónia M.^a García Martínez e Patrick Le Roux (1996), contém o seguinte texto: [...] *Su[nu]ae f(ili-) an(norum) XXIII [Do] quirus Doci (filius) [Ce]lticoflavi(en)sis de suo f(aciendum) c(uravit)*.

Testemunhando a existência de uma cidade *Celtica Flavia* (ou *Celticum Flavium*?), as duas inscrições põem dois problemas: a cidade chamar-se-ia só *Celtica Flavia* ou estes são *cognomina*, estando omitido o nome próprio da cidade? E onde ficaria tal cidade?

Não podendo, à partida, excluir a hipótese de a cidade ter, como nome próprio, o de *Celtica*, e de *Flavia* ser o *cognomen* que atestaria a sua promoção jurídica na época flaviana, manteremos, por enquanto, a dúvida e voltaremos mais abaixo ao assunto. Onde ficaria, porém, tal cidade?

Sónia M.^a García Martínez e Patrick Le Roux, observando que o antropónimo *Doquirus* se encontra com frequência nos distritos de Castelo Branco e Viseu, bem como na região de Trujillo (Cáceres), e que o nome *Sunua* se acha bem representado nos distritos de Viseu, Guarda, Castelo Branco e na província de Cáceres, sugeriram a localização de *Celticum Flavium* ou *Celtica Flavia* nesta vasta área, com preferência para as regiões de Viseu, Guarda ou Covilhã. Chamaram ainda a atenção para a fórmula *de suo f(aciendum) c(uravit)*, que, não sendo comum em inscrições funerárias, se encontra em Badajoz e Trujillo. Poderíamos acrescentar que também se regista em *Egitania* (SÁ, 2007, n.^{os} 113, 138 e 195).

O nome de *Sunua* talvez se deva excluir como pista para a localização de *Celtica Flavia*. Com efeito, na inscrição de Astorga não se diz que *Sunua* era celticoflaviense. Esta naturalidade era a do dedicante, *Doquirus*, filho de *Docus*; e este pode ter erguido a lápide funerária a alguém (cujo nome ignoramos) que seria filho ou filha de uma *Sunua* não celticoflaviense. Quanto ao celticoflaviense de CIL II 880, o nome de *Cassius Vegetus* não dá qualquer pista utilizável para a localização da cidade. *Docius* (ou *Docus*) e *Docia* registam-se no distrito de Bragança e nas áreas de Astorga e Zamora, para além de Trujillo (ABASCAL PALAZÓN, 1994 e *Atlas Antroponímico*).

As duas inscrições em causa contêm ainda outra singularidade: em ambas são os dedicantes, e não as pessoas a quem as lápides foram dedicadas, que se declaram celticoflavienses. O normal, quando se indica a *origo* em inscrições funerárias, é que ela seja a do indivíduo a quem se dedica a lápide. No distrito de Castelo Branco, só encontramos caso similar em *Egitania*, numa inscrição erguida a *Valgia Flacilla* por um *M(arcus) Allacarius Paullianus*, que se declara *Conimbrigensis* (SÁ, 2007, n.º 109). Mas não fizemos pesquisa nos distritos da Guarda ou Viseu, nem na área de Trujillo, até por duvidarmos de que este pormenor possa ser verdadeiramente significativo e contribua para ajudar-nos a esclarecer a situação de *Celtica Flavia*.

Sem rejeitarmos liminarmente a hipótese de localização proposta por Sónia M.^a García Martínez e Patrick Le Roux, que, à primeira vista, parece sensata, não deixaremos de observar que, sendo essa a localização de *Celtica Flavia*, devíamos encontrar o nome na inscrição da ponte de Alcântara, CIL II 760. Entre outros nomes, esta inscrição recorda exactamente as *civitates* que ficavam nas áreas da Covilhã, Guarda e Viseu.

Por outro lado, parece suspeita a existência de uma *Celtica Flavia* em área onde não temos atestada a presença de *Celtici*. É certo que Plínio 3, 13 diz que *Celtici a Celtiberis ex Lusitania aduenisse manifestum est sacris, lingua, oppidorum uocabilis quae cognominibus in Baetica distinguntur*, “é evidente pela religião, pela língua e pelos nomes das cidades (as quais, na Bética, se distinguem pelos cognomes) que os Célticos procedem dos Celtiberos e vieram da Lusitânia”. Pensando neste passo, poderíamos admitir uma *Celtica Flavia* na Betúria Céltica ou no Nordeste alentejano.

Inés Sastre Pratts (2002: 108-109, nota 1) sugeriu a localização de *Celtica Flavia* na província de Salamanca. Não nos parece que a inscrição CIL II 880 possa fundamentar tal opinião.

Vamos considerar a hipótese de *Celtica Flavia* se localizar no extremo noroeste da *Callaecia*.

Se, em vez de nos centrarmos na onomástica pessoal, atentarmos no nome de *Celtici* (porque uma cidade *Celtica Flavia* ou *Celticum Flavium* seria normal em território de *Celtici*), logo nos ocorrem os *Celtici* do Noroeste.

Referindo-se a esta área, e depois de citar o Promontório Céltico, Plínio 4, 111 menciona os povos que aí viviam: *Celtici cognomine Neri et Supertamarci, quorum in peninsula tres arae sestianae Augusto dicatae, Copori, oppidum Noeca, Celtici cognomine Praestamarci, Cileni*, “os Célticos, por sobrenome Nérios e Supertamarcos, em cuja península ficam as três Aras Sestianas, dedicadas a Augusto; os Coporos, a povoação de Noega, os Célticos por sobrenome Prestamarcos e os Cilenos”.

Mela III, 1, 11 refere os mesmos *Neri, Praestamarci* e *Supertamarci*, mas sem expressamente dizer que se trata de *Celtici*. Existe consenso, porém, em considerar que estes três *populi* eram *Celtici*, eventualmente vindos do sul, numa expedição ou invasão de que Estrabão III, 1, 3 e 5 deu notícia (TRANOY, 1981: 58-59).

Diz Mela: *Partem qua prominet Praesamarci habitant perque eos Tamaris et Sars flumine non longe orta decurrunt Tamaris; secundum Ebora portum, Sars iuxta turrem Augusti titulo memorabilem cetera Supertamarici Nerique incolunt in eo tractu ultimi, hactenus enim ad Occidentem versa litora pertinent*, “A parte que se eleva habitam-na os Prestamarcos e por entre eles desembocam o *Tamaris* e o *Sars*, rios que não nascem longe; o *Tamaris* termina detrás do mesmo porto de *Ebora* e o *Sars* perto da torre famosa por seu sobrenome de *Augusta*. Nas terras mais além vivem os *Supertamarcos* e os *Nérios*, os últimos deste sector, pois até aqui se estendem as terras voltadas a ocidente.”

O *Promontorium Celticum* de Plínio, correspondente ao *Nérion akrotérium* de Ptolemeu, seria o cabo Touriñan, o Finisterra ou o Ortegál (GARCIA ALONSO, 2003: 143-144).

Em Astorga ou na sua região, algumas inscrições testemunham a emigração de *Supertamarci* para essa área (CIL II 2092=5667; CIL II 2904=5081; *AE*, 1976, n.º 286; *Hisp. Ep.*, 11, 2005, n.º 281).

Os *Pestamarcos* encontram-se ainda mencionados no *Parochiale Suevum* dos fins do séc. VI (aliás, com os *Celticos*), na versão do

Liber Fidei da Sé de Braga (COSTA, 1965 e 1978, docs. n.ºs 11 e 551). Aparentemente, nestes documentos, tais nomes estão incluídos em interpolações muito tardias (do séc. XI?). Talvez nunca tenham existido como “paróquias” suevas e tenham sido retirados de fontes antigas por algum escriba ou notário erudito. Mas, pelo menos na segunda metade do séc. X, o nome *Celtigos* correspondia a uma realidade, pois se encontra em dois documentos do mosteiro de Celanova (ANDRADE, 1995, docs. n.ºs 2 e 478). Uma pesquisa sistemática da documentação altomedieval da Galiza descobriria certamente outras referências aos *Celtigos*, se não também a *Prestamarcos* e *Supertamarcos*.

Põe-se-nos o problema de saber se *Celtici Neri*, *Celtici Praestamarci* e *Celtici Supertamarci* terão sido (na época dos Flávios?) fundidos numa única *civitas*, eventualmente com capital em *Celtica Flavia* (ou *Celticum Flavium*) ou se cada um destes *populi* deu origem a uma *civitas*. Neste último caso, de que *civitas* seria *Celtica Flavia* a capital?

As inscrições de Astorga, que registam *Supertamarci* a par com *Celticoflavienses*, sugerem que devemos excluir a identificação de uns com outros. Os *Supertamarci* terão constituído uma *civitas*, designada por etnónimo, como o foram muitas outras *civitates* (designadamente as que figuram na inscrição da ponte de Alcântara). O *oppidum* que lhes terá servido de capital poderá ter tido, porém, nome próprio, sem relação com o etnónimo.

A ausência dos nomes *Neri* e *Praestamarci* em inscrições (ou a sua não atestação até agora) permite a hipótese de os dois *populi* terem sido fundidos numa única e mesma *civitas*, cuja capital seria exactamente *Celtica Flavia*. Mas também não podemos excluir a hipótese de os dois *populi* terem sido convertidos em duas *civitates* autónomas, uma das quais teria *Celtica Flavia* por capital.

Voltando ao *Parochiale Suevum* e aos documentos do mosteiro de Celanova, podemos admitir que os *Celtigos* eram os herdeiros dos antigos *Celticoflavienses* e que os *Pestemarcos* o eram dos antigos *Praestamarci*. A ausência do nome Nérios nesses documentos reforça a ideia de *Neri* e *Praestamarci* terem sido fundidos numa única *civitas*, com predominância dos segundos.

Mas onde poderia ficar, exactamente, *Celtica Flavia*?

O *Itinerário de Antonino* regista, na estrada de *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti*, as seguintes estações viárias:

Aquis Celenis CLXV MP
Vico Spacorum CXCIV Stadia

<i>Ad Duos Pontes</i>	CL <i>Stadia</i>
<i>Glandimiro</i>	CLXXX <i>Stadia</i>
<i>Atricondo</i>	XXII MP
<i>Brigantium</i>	XXX MP

Com excepção de *Bracara Augusta* (Braga), *Aquis Celenis* (Caldas de Reis) e *Brigantium* (Corunha), a identificação destes lugares é controversa (PÉREZ LOSADA: 2002; RODRÍGUEZ COLMENERO *et alii*: 2004; TIR, Hoja K 29: Porto).

Vico Spacorum, *Ad Duos Pontes* e *Glandimiro* terão sido povoações litorais, visto as distâncias serem dadas em *stadia*. *Atricondo* seria povoação ou estação viária interior.

Alguns manuscritos do *Itinerário de Antonino* registam *Trigondo* em vez de *Atricondo*. Admitindo, por hipótese, que *Tricondo* seja forma mais correcta, mas, ainda assim, deformada ou evoluída, teríamos um nome *Tricondum*, *Tricondium* ou *Tricontium*? O elemento *Tri-* exprimiria triplicidade? Teremos aqui povoação que, em algum tempo, foi lugar central dos três Célticos, *Neri*, *Praestamarci* e *Supertamarci*?

Os habitantes de *Tricondum* poderiam ser chamados *Tricondini*. Mas a consciência de que *Tri-* era prefixo pode, eventualmente, ter justificado que, em algum tempo, se tenha usado simplesmente o nome *Condini*. Este teria dado o de *Contenos* que surge, no *Parochiale Suevum*, como nome de uma paróquia da sé de Iria (DAVID, 1947: 42).

A hipótese de *Tricondum* ter sido *Celtica Flavia* talvez mereça consideração. Nesse caso, o nome completo seria *Tricondum Celticum Flavium*. Nas duas inscrições que recordam *Celticoflavienses*, ter-se-ia omitido o nome próprio da cidade.

Mesmo admitindo a hipótese de *Tricondum* ter funcionado, em algum tempo, como lugar central dos três Célticos do Noroeste, não podemos, porém, deixar de admitir também a hipótese de *Celtica Flavia* ou *Celticum Flavium* não ter sido cognome de *Tricondum* e ter ficado noutra lugar do Noroeste.

Admitindo que *Celtica Flavia* ficaria no extremo noroeste da Galiza, não podemos, porém, ignorar que o antropónimo *Doquirus* só foi, até agora, registado numa única inscrição dessa província (PEREIRA MENAUT, 1991: nº 28). Mas será isso suficiente argumento para contrariar a localização que propomos?

REFERÊNCIAS

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad
- ANDRADE, José M. (1995) – *O Tombo de Celanova*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega
- Atlas Antroponímico = Atlas antroponímico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos/ Bordéus: Ausonius Editions, 2003
- COSTA, Avelino de Jesus da (1965 e 1978) – *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*. Tomo I (1965) e II (1978). Braga: Junta Distrital de Braga
- DAVID, Pierre (1947): *Études historiques sur la Galice et le Portugal du V^e au XI^e siècle*. Lisboa: Livraria Portugal/ Paris: Les Belles-Lettres
- GARCÍA ALONSO, Juan L. (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitória/Gasteiz: Universidad del País Vasco
- GARCÍA MARTÍNEZ, Sónia M.^a e LE ROUX, Patrick (1996) – “Un nuevo testimonio sobre *Celticum Flavium* en *Asturica Augusta* (Astorga, León)”. *Conimbriga*, Coimbra, v. 35: 59-67
- GARCÍA MARTÍNEZ, Sónia M.^a – “Una Celtica Supertamarca en Andiñuela (León)”, *Conimbriga*, 36 (1997): 95-101
- PEREIRA MENAUT, Gerardo (1991) – *Corpus de inscripcions romanas de Galicia. I. Provincia de A Coruña*. Santiago de Compostela
- PÉREZ LOSADA, Fermín (2002) – *Entre a cidade e a aldea. Estudo arqueohistórico dos “aglomerados secundários” romanos en Galicia*. Corunha (= *Brigantium*, 13)
- RODRÍGUEZ COLMENERO, António et alii (2002) – *Miliários e outras inscripcions viárias romanas del Noroeste hispánico*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega
- SÁ, Ana Marques de (2007): *Civitas Igaeditanorum. Os deuses e os homens*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal
- SASTRE PRATTS, Inés (2002) – *Onomástica y relaciones políticas en la epigrafía del conventus Asturum durante el Alto Imperio*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (= *Anejos de Archivo Español de Arqueología*)
- TIR = *Tabula Imperii Romani. Hoja K-29: Porto*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas
- TRANOY, Alain (1981) – *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la peninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Éditions De Boccard